



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
VI SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO  
DISCURSO

1983 - 2013 – Michel Pêcheux: 30 anos de uma  
presença

Porto Alegre, de 15 a 18 de outubro de 2013

## **SOBRE O MEIO AMBIENTE NO CURSO DA CONSTRUÇÃO DA CIDADE: ACERVOS FOTOGRÁFICOS**

Telma Domingues da Silva<sup>1</sup>

São muitas as cidades brasileiras que se ergueram em locais ladeados e/ou cortados por rios, como São Paulo, por exemplo, que tem início com o colégio jesuíta construído entre o Anhangabaú e o Tamandateí, ou Pouso Alegre, que começa com uma capela às margens do Rio Mandu. O rio é um elemento que, na construção das cidades, vai sendo inscrito simbolicamente em seu *cotidiano* pelos diferentes discursos e sujeitos urbanos: a navegação, as lavadeiras, os nadadores, as enchentes, as pontes, as obras públicas, o escoamento de dejetos... Isto é, ele é um elemento significativo desse cotidiano, como lazer, trabalho, acesso (transporte), obstáculo (ponte), enfim...

No decorrer do último século (1900 a 2000), a fotografia vem se introduzir na sociedade como possibilidade de acesso à história, à memória. A partir da análise de discurso, pois, também a imagem é concebida em sua opacidade. A investigação de acervos fotográficos faz ver o rio (um rio) que se articula na significação das cidades, em seu “desenvolvimento urbano”, atravessado primeiro por um *discurso desenvolvimentista* (a construção de pontes, a realização de obras que alteram o curso etc.) e depois por um *discurso ambiental* (a poluição).

Então, tomo o rio como elemento de memória, considerando a memória discursiva que trás o rio presente constituindo-se como uma *memória da cidade*. A minha proposta para essa comunicação era focar a análise nas imagens fotográficas, mas, no decorrer da busca pelo material a ser analisado, encontrei depoimentos, em especial um depoimento sobre o rio – o Pinheiros – que eu não pude deixar de lado. Penso que o depoimento assumiu papel central na minha fala, mas isso se dá também na relação com essa questão que se pôs inicialmente: o que se fotografa nas fotografias que trazem o rio, que trazem um rio, em uma determinada cidade?

Nesta apresentação, exponho um trabalho que dá continuidade a análises anteriores (cf. SILVA 2011 e SILVA 2010). Em seu conjunto mais amplo, o corpus analisado constitui-se de nomeações de cidades, imagens fotográficas e depoimentos... As próprias legendas que acompanham as fotos são índices de que o objeto das fotos não é o rio: as legendas apontam:

---

<sup>1</sup> Professora da UNIVAS.

*Enchente de 1929* ou *Construção da Perimetral* etc. O que se fotografa, nesse sentido, portanto, é algo que ocorre, um acontecimento, como parte do cotidiano e da história de uma determinada cidade.

As fotos que eu venho analisando são do Rio Mandu, em Pouso Alegre, que eu obtive no museu da cidade, e do Rio Pinheiros em São Paulo. Um arquivo organizado sobre o Pinheiros pode ser encontrado on line no site da Fundação Energia e Saneamento, que disponibiliza, entre o seu material, os arquivos da Light, que incluem muitas imagens urbanas do início do século XX, pois a empresa foi responsável pela eletrificação de São Paulo. Outro material consultado foi o livro *O Rio Pinheiros*, da Secretaria de Meio Ambiente, publicado em 2002, quando do início de um projeto que pretendia realizar a limpeza o Rio Pinheiros, e que fracassou.

O recorte das análises mostra um caminho teórico-analítico que se delineou no sentido de compreender relações de atravessamentos entre nomeações e imagens.

Uma regularidade é facilmente observada quanto a esses dois diferentes arquivos fotográficos, do Mandu e do Pinheiros, que são as fotos de enchentes e as fotos de obras públicas.

Tanto no caso do rio Mandu como no caso do Rio Pinheiros, temos um conjunto de fotos nomeando uma grande obra (Construção da Perimetral e Retificação do Rio Pinheiros). O Rio Pinheiros chamava-se Jurubatuba, Pinheiros era o nome da aldeia, do núcleo caipira que se instalou na mesma época da fundação de São Paulo.

Assim, *Construção da Perimetral* e *Retificação do Rio Pinheiros* são arquivos fotográficos cujas nomeações especificam intervenções sobre o corpo da cidade que *envolvem o rio*. A obra no Pinheiros foi tal que mudou o rio de lugar. Em um depoimento de um antigo morador de Pinheiros: “Onde hoje é o Eldorado [o shopping], o rio fazia uma curva. E ia paralelo à Rua Iguatemi, que hoje é a Av. Brigadeiro Faria Lima.”

Os arquivos fotográficos em suas nomeações exemplificam um *gesto de leitura* que, certamente, impõe-se sobre outras leituras do que estariam representando as próprias obras para o cotidiano da cidade: a construção de pontes ou outras obras e as enchentes. Por exemplo, as imagens do acervo da Fundação Energia e Saneamento possuem uma legenda bem típica procurando assegurar a identificação local, que se faz a partir de elementos construídos da cidade.

- Legenda: Residências ao longo do rio Pinheiros na secção imediatamente acima da Av. Cidade Jardim durante a inundação de 1929. 1929
- Legenda: Retificação do rio Pinheiros vista de cima da usina de bombeamento de Traição. Draga n<sup>o</sup> 1 draga em primeiro plano. 1940

Tenho como objetivo compreender o modo como o rio – como figuração do meio ambiente – se faz presente nos acervos históricos urbanos, fazendo presentes determinados sujeitos/ práticas/

discursos. Segundo Orlandi, “Toda denominação acarreta um silêncio que o fato mesmo de nomear produz. (1989)” Tais arquivos assim significados produzem uma voz oficial sobre a memória da cidade. Essa voz oficial mostra-se tomada pela evidência prática de uma *construção da cidade*, no âmbito da administração pública, que necessita das pontes, das grandes avenidas, da eletricidade em abundância... outros sujeitos/ práticas/ discursos ficarão esquecidos ou lateralizados na constituição de um acervo como esse da Fundação Energia e Saneamento.

No material pesquisado, encontramos algumas imagens que mostram um outro olhar: o habitante local, o trabalhador do/no rio. Na primeira imagem, a lavadeira do Rio Pinheiros e na segunda, o barqueiro e o nadador. Essas imagens dialogam com essa voz oficial sobre a história do rio. Trago em seguida o depoimento de um morador antigo de Pinheiros, o Senhor Peralta, imigrante português, que conheceu o rio Pinheiros antes da chamada “retificação”. Antes de lermos esse estrato, eu quero fazer uma apresentação do mesmo. É um material discursivamente muito rico, em que faço uma primeira incursão. Nele, fala-se da imigração, das relações de trabalho nessa construção da cidade, fala-se de um ritmo de construção já intenso, nas décadas de 20 e 30 em São Paulo. Seleccionei um trecho pelo modo como ele fala do rio, como mostra um conhecimento **íntimo com** suas curvas, retas e corredeiras. Como vocês vão ver, o barqueiro relembra o percurso do rio através de nomeações dos seus trechos, através de nomes que – considero – podem ou não ter ocorrido como tal na época. Caso tenham de fato ocorrido, possivelmente isso se dava apenas entre os trabalhadores, os próprios barqueiros.

Para essa análise, dividi em 3 partes o estrato analisado:

(1) Apresenta-se o barqueiro dos barcos de areia no Rio Pinheiros.

*Vim pra trabalhar no rio, tirando areia, como grande parte do pessoal da minha terra. Era um serviço muito bruto que só português fazia. Eu era barqueiro. Trabalhava por minha conta, mas descarregava pro patrão. (...) Tínhamos que tirar depressa a areia que ia construir São Paulo. (...)*

(2) O barqueiro presentifica em sua fala a lembrança dos diferentes trechos do rio (curvas, retas, corredeiras...), fazendo um percurso. Através de uma marca na sintaxe, o falar do rio que conheceu fica dividido. Assim, esse segundo trecho divide-se em duas partes, pois, na nomeação dos trechos do rio, seu Peralta fala muito significativamente primeiro das curvas, depois das retas:

*Cada curva tinha um nome: da ponte pra baixo, a da Cia. City, e depois uma reta até a Curva do Cu. Em seguida uma reta funda até a Esquina do Caralho. Depois, a Curva dos Canos, da Ponte dos Canos.*

*Mas também as retas eram famosas: a Reta das Lavadeiras, a Reta do Alforrado, a Corredeira Pequena e a Corredeira Grande que ia dar na Reta dos Fios. Tudo tinha um*

*nome porque quando nos encontrávamos um perguntava pro outro: você viu Fulano? Vi sim, em tal curva...*

Marcam-se aí as instalações da cidade, a Curva *da City*, onde se localizou possivelmente o porto de areia da Cia. City, que loteou o Alto de Pinheiros, a Curva *dos Canos*, onde se localiza a Ponte dos Canos, e a Reta *dos Fios*. E aparece essa nomeação esdrúxula pela referência a partes íntimas do corpo, que a gente não sabe se está aí substituindo algo que se perdeu (outras nomeações) ou se de fato houve um momento em que os barqueiros, homens brutos (imigrantes portugueses) falavam assim do rio. Não importa. De qualquer forma, escuto aí o barqueiro falando: um sujeito que conheceu o rio intimamente, conheceu por dentro; é um sujeito que pode nomear cada trecho, demonstrando-se essa intimidade. O barqueiro fala *muito significativamente* primeiro das curvas – era nas curvas que o barqueiro trabalhava, retirando areia. A curva faz a areia se acumular.

“Mas também” marca uma separação no fio do discurso. Vejo aí a produção desse corte no fio do discurso, quando o barqueiro está falando do rio, em uma relação para com a significação da obra urbana sobre o rio. Sobre essa obra, ao fim ele diz. “O rio não foi mudado, foi endireitado. O leito continua o mesmo.”

Então, seu Peralta fala primeiro das curvas do rio, de um rio que era navegado antes de 1940, quando a obra chamada de “retificação” se realiza. As curvas se fazem presentes na sua fala, e ao final o barqueiro diz do rio que foi “endireitado”, como fosse essa uma obra urbana moralmente necessária, e podemos talvez escutar os “nomes feios” com que se identificam as curvas como essa imoralidade, a qual se pôs um fim, endireitando o rio. Um corte: a obra também produziu um corte (antes/depois), desmanchando não só a identidade das curvas do Rio Pinheiros, mas também a das retas, dada a relação de oposição que as constitui.

E então no enunciado “O rio não foi mudado, foi endireitado”, soa o enunciado oposto: o rio *foi* mudado, *não* endireitado.

A intervenção sobre o rio pode ter tido para o barqueiro o sentido de uma ordem moral urbana em que se trabalha a cidade, a sua construção. Nesta, também ao rio coube ser re-organizado. E é nesse contexto, nesse conflito, que o “mas também” vem significar aí, em relação à “retificação” – “mas também as retas eram famosas” –, contrapondo-se à ideia de que o rio era só feito de curvas imorais.

E eu agora termino rapidamente de uma maneira pessoal. Quero dizer que é muito significativo para mim que a primeira reta mencionada seja a Reta das Lavadeiras, onde ficavam as moças que lavavam roupa pra fora, lavavam a roupa dos barqueiros solteiros. Eu não sei quanto ao senhor Peralta, mas com o meu avô, que era colega de profissão dele, aconteceu de se casar com uma dessas moças que lavavam roupa na Reta das Lavadeiras.

## BIBLIOGRAFIA:

BARTHES, R. *A câmara clara*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

GUIMARÃES, E. *Semântica do discurso*. Pontes: Campinas, 2002.

ORLANDI, E. *Discurso e texto – formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. “Silêncio e implícito (produzindo a monofonia)”. In GUIMARÃES, E. (org.) *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.

\_\_\_\_\_. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. (org.) *Discurso, espaço, memória – caminhos da identidade no Sul de Minas*. RG Editores: Campinas, 2011.

SÃO PAULO (ESTADO). SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE, O Rio Pinheiros. São Paulo: SMA: 2002.

SILVA, T. D. “O Pouso Alegre do rio Mandu”, in ORLANDI, E. (org.) *Discurso, espaço, memória – caminhos da identidade no Sul de Minas*, Campinas: RG. Editora, 2011.

\_\_\_\_\_. “O Pouso Alegre do Mandu: meio ambiente e memória”, in *Entremeios* nº 1, julho de 2010.